

***El cielo por assalto!* a cultura política do Tupamaros em seus programas políticos.¹**

Carlos Eduardo Malaguti Camacho
Mestrando no PPGH da Unifesp
cmalagutti@gmail.com

O *Movimiento de Liberación Nacional - Tupamaros* foi um importante grupo guerrilheiro que surgiu no Uruguai durante o ano de 1965, de uma confluência de militantes provenientes do Partido Socialista e de grupos de trabalhadores da cana-de-açúcar, além de outros militantes que vieram de grupos menores da esquerda uruguaia. Sua origem, entretanto, remete ao grupo conhecido como *El Coordinador*, uma espécie de união entre os diversos setores da esquerda uruguaia, que buscava a articulação visando defender os princípios democráticos e construir um projeto político mais à esquerda. No que diz respeito à composição política do grupo, os Tupamaros podem ser classificados como um movimento bastante heterogêneo, que conseguiu articular em suas fileiras uma ampla diversidade de ideologias e concepções políticas de esquerda.²

Essa heterogeneidade já se coloca como ponto a ser problematizado, pois ela dificulta traçar certa linha ideológica para enquadrar o movimento. Analisar o MLN-Tupamaros sob o ponto de vista de buscar estabelecer uma ideologia de esquerda do grupo pode trazer mais problemas do que soluções, pois mais do que definir uma linha ideológica, seria mais pertinente e enriquecedor compreender como essa heterogeneidade foi costurada dentro da mesma experiência, e, sobretudo, como essa reunião forjou uma cultura política própria. Além disso, em se tratando de luta armada, a radicalização típica de tais experiências impõe certa lógica política bastante modificada, pois, conforme aponta Hannah Arendt, a atuação da violência marca de maneira profunda o fim da política como lugar dos debates de projetos ideológicos.³ Nesse sentido, tais experiências radicalizadas colocam um espaço bastante restrito para concepções ideológicas ou até mesmo de princípios organizativos. É justamente sob esse ponto de vista que se pretende abordar a análise aqui proposta, como será apresentado posteriormente.

O grupo está inserido dentro da transformação política na América Latina que ficou conhecida como *Nova Esquerda*. De maneira geral, essa renovação tem como eixo central os desdobramentos da Revolução Cubana de 1959, que demonstrou uma possibilidade de saída distinta daquelas até então colocadas para a revolução social, utilizando como estratégia a guerrilha rural, desencadeada por focos guerrilheiros.⁴ É evidente que a Revolução Cubana produz um impacto decisivo na esquerda em todo o mundo, principalmente na América Latina, que observa um país de características agrárias conquistar a libertação dos domínios imperialistas norte-americanos e implantar um novo modelo político. É notável perceber que esse processo desencadeou movimentos guerrilheiros em todos os países do chamado Cone Sul, além de outras experiências radicalizadas que apareceram no Peru, Bolívia e Colômbia.

Interpretar as experiências armadas como fruto direto da influência da revolução cubana pode levar os historiadores a incorrer em armadilhas que amarram e, principalmente, engessam a compreensão das tensões, contradições e das transformações que as esquerdas passaram dentro de cada país especificamente, até optarem pela radicalização, partindo para a luta armada. E o que parece ser ainda mais grave, impede que se perceba como a própria dinâmica das organizações da luta armada estava pautada por questões próprias dentro de cada país.

Com isso, tomar os Tupamaros como um grupo que emerge no bojo das renovações da esquerda a partir da revolução cubana não ajuda em nada a entender as transformações e as contradições que esse movimento passou ao engendrar suas ações guerrilheiras. Nesse sentido, mais do que tentar entender as influências externas da revolução cubana e inseri-las no movimento de transformação da esquerda, é mais importante observar como os próprios desdobramentos internos do contexto nacional e principalmente as transformações internas do próprio movimento forjaram uma maneira própria do mesmo se estruturar em sua ação guerrilheira.

Nesse sentido, o objetivo aqui é analisar o MLN-Tupamaros através de três documentos elaborados pelos próprios militantes, entre Julho de 1967 e Janeiro de 1969, percebendo as significativas mudanças estruturais na forma de organização e na própria forma de ação pelas quais esse grupo passou nesse período. Como será abordado posteriormente, compreende-se que essas transformações foram responsáveis por configurar uma nova cultura política da organização, no momento

decisivo da mesma, quando ela parte de fato para a luta revolucionária.⁵ Por fim, também serão problematizados certos elementos causais dessa transformação, para que seja possível pensar os limites dos estudos sobre esses movimentos radicalizados.

A escolha das fontes para realizar esse estudo foi feita levando em conta a natureza complexa dos registros produzidos pelo Tupamaros, pois o grupo foi responsável pela elaboração de centenas de documentos, externos e internos, resultando com isso em um grande exercício para quem se debruça sobre essa vasta documentação. Do ponto de vista estrutural, é necessário dividir essa documentação entre aqueles documentos de caráter externo – ou seja, os que foram produzidos para divulgar o grupo e suas ideias para pessoas que não fazem parte da organização – e os documentos internos, resultados de debates e discussões do próprio grupo, visando a estruturação do mesmo. É evidente que cada um desses tipos documentais possui retórica própria, principalmente no que diz respeito à forma como eles são escritos, pois certos termos e abordagens não dizem muita coisa para quem não fazia parte dos quadros do grupo. Nesse sentido, as fontes aqui selecionadas para análise são documentos internos, pois, entende-se que com eles é possível observar certos aspectos da forma como o mesmo se estruturava, assim como possibilita entrever os debates e as tensões que giravam em torno dessa composição. Portanto, foram selecionados para realizar esse estudo os *Documentos 1, 3 e 4*.

Antes de passar para a análise dos mesmos, é importante fazer uma breve apresentação desses documentos, principalmente para destacar suas peculiaridades. Essas fontes, que são intituladas de maneira genérica como “Documento”, são, na realidade, sistematizações de discussões coletivas que o grupo realizava. Sendo assim, trata-se de elaborações gerais sobre todas as esferas do movimento, sobretudo sua ideologia e organização. Além disso, como demonstra Rey Tristán em sua obra intitulada *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya, 1955-1973*, o grupo utilizava tais documentos para que os novos militantes tivessem uma formação política de acordo com o pensamento Tupamaro. Dessa forma, os documentos aqui analisados se colocam em uma esfera distinta, pois, para além de ser uma espécie de sistematização sobre o que grupo pensava ideologicamente e como pretendia se estruturar, eles são também um lugar de formação de seus novos quadros. Assim, é preciso encarar os documentos aqui analisados como sendo, de

certa forma, a expressão do conjunto de valores, tradições e práticas, partilhados pelo grupo, constituindo assim sua própria cultura política.⁶

Portanto, ainda que a escolha específica desses documentos seja resultado de uma escolha arbitrária, o esforço realizado foi no sentido de selecionar o que se entende como documentos centrais que expressam a discussão do coletivo de militantes, e, para além disso, uma documentação que de fato se preocupa em expressar quais são as diretrizes do movimento.

Estratégias e concepções de luta do MLN-Tupamaros.

Analisando o *Documento nº 1*, cuja elaboração data de junho de 1967, é possível estabelecer algumas características centrais do *MLN-Tupamaros* que, de certa forma, podem ser entendidas como resultantes da cultura política do grupo em seus primeiros anos de atuação. É necessário destacar de saída que esse documento, segundo o historiador Rey Tristán, é fruto de um congresso realizado pelo movimento em 1967 e que foi uma tentativa de reunião de toda a militância Tupamara.⁷

Nesse documento, os militantes da organização expressam uma análise conjuntural do contexto político do Uruguai de forma bastante densa. E nesse ponto, é bastante salutar perceber como se coloca a questão da guerrilha rural, que era a grande inspiração para todos os grupos guerrilheiros na América Latina. O documento afirma de maneira direta que não há uma única região no Uruguai que comporta uma guerrilha rural, mas sim, que há uma imensa cidade urbanizada:

Existe una ciudad de 300 kilómetros cuadrados de edificación que concentra más del 70% de los capitales, las comunicaciones y transportes y más de la mitad de la población del país. La población del país es un 64% urbana, de la cual un 65% vive en Montevideo y zonas cercanas.⁸

Os Tupamaros analisam a conjuntura social de seu país identificando que não há condição de aplicar uma guerrilha rural. Nesse sentido, o grupo indica que a ação revolucionária deveria acontecer na região economicamente mais desenvolvida do Uruguai, onde se concentrava a maior parte da população e também a maior parte da riqueza do país. Esse aspecto é revelador de uma característica central do grupo, de compreender as condições estruturais e conjunturais daquela sociedade para realizar suas ações. Parte significativa da documentação analisada é centrada em tecer

análises para forjar a ação guerrilheira. Dessa forma, demonstra-se claramente que não há uma incorporação das estratégias *foquistas*, mas que se parte da compreensão do ambiente em que o grupo atua para estabelecer as estratégias de ação. E com isso, fica claro que o contexto nacional do país é bastante importante para o desenvolvimento da concepção guerrilheira do grupo estudado.

No mesmo documento, afirma-se a necessidade do planejamento estratégico e da organização estrutural do grupo antes de lançar sua campanha guerrilheira. Essa organização se pauta em dois aspectos centrais: angariar condições materiais para que o mesmo possa sobreviver durante a ação guerrilheira e criar um forte laço entre a organização e as massas uruguaias. Como condições materiais, entende-se por conseguir armamento para garantir a luta, além de estruturas de comunicação, alimentação e lugares para os militantes ficarem durante a guerrilha. Essas questões podem ser observadas no trecho:

Significa muchos talleres que estén en condiciones de preparar armas y explosivos, no ya para la lucha de una semana sino para meses de actividad incesante, significa poner a punto un complejo sistema de comunicaciones radiales, escritas y personales, implica tener montado un servicio de propaganda y captación, pertrechamiento. Preparación de combatientes. Construir fachadas y coberturas para nuestras bases, etc.⁹

Portanto, o Tupamaros projeta como ponto de partida para a ação guerrilheira o desenvolvimento de um quadro amplo em que se construa uma estrutura sólida capaz de sustentar a organização. O movimento possui, dessa forma, uma mentalidade bastante peculiar que concebe o momento de preparação da guerrilha como sendo o determinante para a vitória. Talvez tenha sido isso que levou o grupo a gastar um tempo considerável de preparação, passando os primeiros quatro anos voltados apenas para a estratégia de criar esse sistema que iria dar bases a organização.

Sendo assim, o que é fundamental da compreensão do “Documento Nº 1” é a percepção do Tupamaros de que a luta seria feita em duas etapas: a primeira seria a sedimentação do grupo, sua estrutura, sua base popular e a conscientização e mobilização da população. A criação de um laço entre o grupo e a sociedade uruguaia é muito significativo dos aspectos que compõem a cultura política tupamara e merece ser analisada com profundidade aqui.

Conforme demonstra Clara Aldrighi, o Tupamaros se importava decisivamente com o apoio que o movimento receberia da população uruguaia, procurando desenvolver na construção do grupo uma relação que eles próprios chamam de “frente de massas”¹⁰. Essa frente de massas, que seria uma espécie de projeto de conscientização da população uruguaia, é sem dúvida alguma um dos pontos chave da guerrilha tupamara, compondo inclusive a parte de preparação que os mesmos consideravam essencial para o desenvolvimento de suas ações.

Para compreender esse ponto é preciso discutir como era concebida pelo grupo a relação dos mesmos com as massas uruguaias, pontuando principalmente como era pensada a forma do Tupamaros atingir e dialogar com a população de seu país. Para isso, é importante pontuar o papel que o respaldo popular ganha nas formulações das estratégias de luta e que, de certa forma, pode ser percebido como um elemento central no projeto político tupamaro, como se nota no trecho do *Documento 1* que diz:

Desde luego que además del trabajo silencioso tendremos el otro, crear una base popular significa que habrá que procesar acciones que conciten la simpatía popular; pertrecharse significa que habrá que salir a veces a la luz pública en acciones.¹¹

É muito significativa a abordagem do grupo sobre essa relação dos mesmos com as massas uruguaias quando afirmam que a construção da base de apoio deve ser feita através de ações que tragam simpatia popular. Tais ações ficaram estigmatizadas na memória do grupo como sendo uma característica muito peculiar do Tupamaros, como tendo a perspectiva de tirar dos mais abastados para distribuir para as populações das camadas mais baixas da sociedade, no que Ana Laura De Giorgi chama de “política de Robin Hood”¹². As ações tinham como foco, principalmente, empresas ou pessoas que eram vistas como inimigos da sociedade uruguaia. Algumas ações muito conhecidas eram as expropriações de alimentos de empresas multinacionais para que os produtos fossem distribuídos para a população de Montevideú. Portanto, o Tupamaros utilizava dessas ações como ferramenta para estabelecer certo diálogo com as massas uruguaias, buscando principalmente o respaldo popular das mesmas.

O historiador Eduardo Rey Tristán, analisando a ação do MLN-Tupamaros, afirma que o grupo possui um *modus operandi* distinto com relação a sua organização estratégica de propaganda, pois o autor afirma que o MLN forjou sua estratégia de

divulgação no quesito da propaganda armada, baseada em concepções anarquistas do que ficou conhecido como propaganda através da ação.¹³ Ou seja, para conquistar as massas e divulgar seu projeto revolucionário, o Tupamaros realizou diversas ações armadas que buscaram demonstrar para a população que o movimento estava lutando por uma transformação social em prol das massas excluídas. Para isso, escolhia metodicamente certos “inimigos” dessas massas, que seriam os alvos a serem atacados. Justamente por isso que os principais alvos dessas ações eram empresas denunciadas em casos de corrupção no Uruguai. Diversos autores afirmam que essas ações foram responsáveis por criar um grande respaldo perante a população uruguaia, fazendo com que o Tupamaros tivesse um grande apoio popular, principalmente nos primeiros anos de sua ação guerrilheira. De qualquer forma, é preciso observar que para o MLN havia uma importância fundamental na propaganda para as grandes massas da população. Nesse sentido, independentemente da estratégia ter logrado êxito, a propaganda através dessas ações possui grande importância na composição da cultura política dos Tupamaros.

Sob o ponto de vista da relação do movimento com outros grupos de militantes organizados, destaca-se a maneira como os operários são vistos pelos Tupamaros tendo, inclusive, muito destaque no *Documento Nº 1*. A relação do movimento com demais setores organizados da sociedade civil possui destaque no *Documento Nº 1*. E, de modo específico, se observa a importância dos trabalhadores operários para os Tupamaros. Nessa discussão específica, é bastante importante notar que se afirmou nesse documento que para construir efetivamente a *Frente de Massas*, seria necessário atuar junto aos sindicatos uruguaios, conforme o trecho inicial da parte sobre os sindicatos demonstra: “Por ahora, el movimiento sindical es la principal forma de organización de las masas uruguayas”. E, no documento, por diversas vezes é reiterado o papel central da mobilização dos trabalhadores operários por meio da *Convención Nacional de Trabajadores*, a *CNT*. A leitura sobre a *CNT* que aparece nesse documento é a de que a convenção sindical era responsável pela mobilização e articulação da grande parcela da população uruguaia, e, por isso, sua atuação seria importante para o desenvolvimento da luta revolucionária. Nesse sentido, o MLN enxergava que o alto nível de mobilização e organização da *CNT*, a grande quantidade de militantes que eles mobilizam e suas reivindicações serviriam para criar um ambiente de conflito entre esses setores e o governo. Assim, a estratégia do

movimento era a de usar a organização política controlada pela *CNT*, para forçar o movimento operário a se radicalizar, partindo para as ações armadas, o que demonstra que em alguma medida há um olhar atento para esse setor da sociedade uruguaia, inclusive enxergando o operariado como um grupo possível de estabelecer relações. Como será visto posteriormente, essa potencialidade que o grupo observa no movimento operário se modifica decisivamente durante o ano de 1968.

Tensões internas e externas: transformações no Tupamaros durante 1968.

No documento elaborado em maio de 1968 e intitulado *Documento Nº 3*, há, pela primeira vez, uma espécie de avanço em relação à ação armada nos Tupamaros. Isso acontece de maneira clara quando o documento se propõe a discutir que a prática revolucionária é extremamente necessária e que isso faz com que se coloque de lado diversos outros aspectos, como a discussão política com outros grupos de esquerda. O documento é categórico sobre isso na frase:

El hecho de que no entremos en polémicas con otras fuerzas de izquierda, no quiere decir que transemos con sus métodos. No discutimos, pero demostramos EN LA PRACTICA que los nuestros son mejores.¹⁴

Nota-se o quanto o grupo se preocupa em defender que sua estratégia, a luta armada, deve ser vista como a via correta para atingir a revolução social, deixando claro que outras formas não são consideradas pela organização. É também significativo notar que o modo de pensar do grupo se transforma com relação ao que foi visto no documento anterior, de 1967, em que havia claramente a tentativa de estabelecer algum tipo de união com a *CNT* e o movimento operário. O ponto central do *Documento Nº 3* é demonstrar que as centrais sindicais e o movimento operário não representam um setor importante e estratégico para a ação dos Tupas, como fica claro no seguinte trecho:

Doscientos cañeros actuando como foco de repudio activo a la embajada de los EE.UU. obligó a una manifestación de miles de trabajadores el 1 de Mayo a enfrentarse a la policía cuando los planes de los, a! parecer, omnipotentes dirigentes de la CNT eran muy otros. Incluso obligaron a estos dirigentes a refrenar al otro día todo, lo que trastoco sus planes hasta decretar un paro general para la jornada siguiente. Es a esto a lo que llamábamos " furgón de cola " para no perder definitivamente el tren.¹⁵

A crítica ao movimento operário é direta, afirmando de maneira explícita que o movimento operário tem limites, principalmente ligados a uma espécie de corrente política que luta por reformas e não tem como horizonte a perspectiva revolucionária.

A mudança é sensível se comparada com o *Documento 1*, pois neste, ainda que exista um tom crítico com relação às centrais sindicais que são tidas como burocratizadas e que lutam apenas por melhores salários, elas são claramente organismos que estão no horizonte das ações tupamaras, o que muda radicalmente a partir dessa nova diretriz de ação. Se no documento anterior é citada a importância de agir junto aos sindicatos para criar situações de conflito que levariam a radicalização, no documento de maio de 1968, há um rompimento com os setores operários e o grupo passa a criticar de maneira veemente seu suposto imobilismo e o reformismo, que, segundo o mesmo, é característico desse movimento.

É preciso traçar algumas questões para entender as mudanças pelas quais passam a organização durante o ano de 1968. Em primeiro lugar, há uma mudança na própria composição de militantes, com a entrada cada vez mais massiva de quadros oriundos do movimento estudantil.¹⁶ Segundo Tristán, o aumento da entrada de estudantes tem relação com o movimento que ganha as ruas de Paris em maio daquele ano e as grandes passeatas estudantis que foram efervescentes no sentido da politização da juventude e principalmente como uma demonstração da força que os jovens teriam na sua luta. Essa questão pode ser identificada em outro trecho do *Documento 3*: “Unos centenares de estudiantes franceses actuando en un momento propicio, convierten en cruento uno de los habituales choques con la policía”¹⁷. Aqui se nota claramente que a ação dos estudantes franceses é celebrada e tida como exemplo de ação. Os estudantes são festejados e comparados com os operários franceses, e mais uma vez se percebe a tendência a aumentar as críticas com relação ao movimento operário:

Al otro día son todos los estudiantes los que luchan contra la policía en las calles de París. Y luego un par de centrales obreras anquilosadas cuyos dirigentes no han hecho otra cosa que ajustar salarios desde tiempos inmemoriales, se ven obligados a sacudirse el polvo y decretar el paro más grande de la historia de Francia.¹⁸

Os estudantes não são apenas festejados com relação ao movimento, mas também são colocados pelos Tupas como agentes que levaram os operários a

decretar a maior greve da “História da França”. Essa colocação aparece sob o tom de extrema crítica, dizendo que as centrais sindicais atuaram ardilosamente, como que se apropriando indevidamente da atuação dos estudantes.

Para além da análise da situação política na França, há também uma transformação veemente no pensamento do grupo que se observa analisando esse documento. A defesa imediata de implantar a guerrilha e uma espécie de ruptura com os setores do operariado uruguaio levaram o MLN a um novo rumo de ação, configurando assim um marco dentro da sua atuação. Portanto, não é excessivo pontuar que há uma mudança considerável na composição da cultura política do grupo a partir desses acontecimentos, o que obviamente se desenvolve por uma conjunção de fatores internos e externos. E isso é claramente notado ao se observar as mudanças nas próprias ações que os Tupamaros tomaram a partir do ano de 1968.

Talvez, o que seja mais decisivo nesse conjunto de fatores que modificam as concepções estratégicas do grupo tenha sido o amplo processo de endurecimento político pelo qual o Uruguai passou quando o presidente Jorge Pacheco Areco assumiu o cargo em Dezembro de 1967, colocando em prática já nos primeiros dias de governo uma agenda extremamente conservadora e, sobretudo, de constante repressão às organizações de esquerda. Em decreto promulgado em 12 de dezembro de 1967, Areco ordenou a dissolução do *Partido Socialista*, da *Federación Anarquista Uruguay* e do *Movimiento de Izquierda Revolucionaria*, além de fechar os periódicos *Época* e *El Sol*, que eram ligados à esquerda. A promulgação desse decreto foi o início do endurecimento político pelo qual o Uruguai passou a partir de 1967, período que ficou conhecido como *Pachecado*.¹⁹

Essa transformação modificou a organização interna dos Tupamaros, colocando em prática a concepção que ficou conhecida como *centralização estratégica e autonomia tática*. Tal proposição já aparece no documento *Reglamento de La organización*, uma espécie de regulamento ou carta de intenções que o grupo cria no início de suas ações, mas ganha contornos muito mais decisivos a partir de 1968 e é claramente um resultado da repressão em que o Uruguai mergulha com o início do Pachecado, como é possível perceber analisando o *Documento 4*, elaborado em janeiro de 1969, e que expressa claramente a importância dessa mudança organizativa:

La descentralización que se busca actualmente se basa en el principio de centralismo estratégico con autonomía táctica planteado en el Art. 19 de nuestro Reglamento. Como estamos haciendo una nueva experiencia debemos avanzar con cuidado a los efectos de ir aprendiendo todos a funcionar de acuerdo a la nueva situación; ya hemos visto cómo algunas de las causas directas de los golpes recibidos provienen justamente de esta medida. La descentralización es fundamentalmente administrativa, de ningún modo puede serlo política, pues de otra forma estaríamos creando varias organizaciones. Para comprender bien esto, no debemos perder de vista que el objetivo que buscamos con la descentralización es puramente técnico, está vinculado a la seguridad interna, a garantizar la supervivencia del MLN, a facilitar su acción, su funcionamiento.²⁰

Como se pode notar, há uma preocupação de que essa nova estrutura seja apenas organizativa para manter a segurança do grupo contra os golpes recebidos, mas que não seja política, no sentido de não criar outras organizações. Assim, defende-se que o projeto revolucionário não se fragmente, mantendo o foco que é a revolução social, mas que se consiga criar condições para que as atuações sejam autônomas, possibilitando assim uma nova formação estratégica da ação guerrilheira, visando sobretudo a segurança dos Tupamaros.

O documento expressa a necessidade dessa transformação para sobreviver aos golpes que a organização vinha sofrendo. Portanto, parece que a repressão cada vez maior do governo de Pacheco Areco é fundamental para essa inflexão no movimento. A segurança interna segue como questão na sequência desse documento em que a preocupação é criar condições para a sobrevivência do próprio grupo diante de tantos golpes sofridos. Os militantes tupamaros afirmam que

Ya se ha recogido alguna experiencia, puesto que se está llevando a la práctica desde abril de 1968. Conviene hacer hoy algunas puntualizaciones: el objetivo que buscamos con las medidas de descentralización es que la Organización no dependa vitalmente de una cabeza que pueda ser fácilmente ubicable y golpeable para el enemigo.²¹

Identificando que o movimento corre riscos com a repressão, os Tupamaros buscaram a descentralização para criar condições em que, mesmo sofrendo algum golpe ou perdendo militantes importantes, ele possa continuar agindo e consiga se reestabelecer no cenário de luta. Portanto, o grupo modifica sua organização interna para que possa resistir ao endurecimento do *Pachecado*. A principal transformação estrutural verificada foi a organização através de colunas, que serviu para aumentar a segurança e impedir que toda a organização fosse destruída caso alguma célula fosse capturada e desmanchada. Essa mudança, que fez com que o grupo forjasse uma

organização bastante peculiar na sua estratégia guerrilheira, pode ser claramente percebida como tendo sua origem no endurecimento pelo qual o governo uruguaio passou a partir de 1968, e esse processo foi responsável por modificar decisivamente a ação do grupo.

Outro ponto fundamental a ser discutido é a forma de atuação no que foi chamado pelo Tupamaros de *Frente de Massas*. Ainda no *Documento 4*, percebe-se que o grupo segue apostando, como ponto fundamental para sua ação, ter o povo uruguaio ao seu lado.

Si no contamos con el pueblo deberemos enfrentar los aparatos represivos solos, mano a mano, como ellos. Ese pleito lo perdemos. Si contamos con el pueblo entonces ellos no tendrán que derrotar al MLN: tendrán que derrotar al pueblo.²²

Ainda se coloca de maneira decisiva a necessidade do apoio das massas uruguaias para a ação guerrilheira. Contudo, o documento fala que é necessário mudar as estratégias, se assim for preciso, uma vez que o que falta para colocar a luta guerrilheira em ação é ter o apoio das massas. O trecho seguinte é fundamental para compreender que a própria concepção de propaganda que o grupo utilizava até então se transforma:

captar y movilizar al pueblo para y en la lucha armada revolucionaria. Este viejo objetivo estratégico del MLN puesto ahora en 1er. orden implicará cambios importantes de todo tipo en la Organización y en el accionar. Hasta ahora hemos actuado pautados por la tarea central de construir el MLN, ganar el apoyo de los sectores de vanguardia, crear condiciones mínimas y contrarrestar los embates represivos y propagandísticos del enemigo, que siempre son peores o más peligrosos al principio. Hemos entonces hecho acciones espectaculares, de alta calidad técnica y cuidadosamente seleccionadas para obtener los fines buscados: o un buen lote de materiales necesarios o buenos resultados propagandísticos. Pero cuando se trata de encuadrar al pueblo, forzosamente se cambia el ritmo y la categoría.²³

Os Tupamaros observaram a necessidade de mudar a estratégia de propaganda para conseguir conquistar o apoio das massas, e a ação perante as mesmas passa a ser outra a partir de então. Como foi visto anteriormente, o *modus operandi* dos Tupas com relação a essa ação de propaganda seguia a linha anarquista conhecida como *propaganda através da ação*, utilizando principalmente ações de distribuição de alimentos para as periferias. Essa estratégia de divulgação do grupo estava de acordo com o entendimento do movimento de atuar escondido, para que as forças de defesa não saibam de sua ação revolucionária. Por isso, não existia nenhum

tipo de panfleto ou divulgação do programa do movimento em seus primeiros anos de ação. Entretanto, isso muda significativamente a partir de 1969. O próprio *Documento 4* deixa claro os motivos, trazendo um trecho do jornal *La Mañana*, de 16 de janeiro de 1969, que fala sobre o Tupamaros:

Sea de izquierda o de derecha, el Movimiento de los Tupamaros es sin duda terrorista y de negación. La acción desarrollada por los grupos que lo integran y la fragmentaria exposición de principios a la que puede llegarse luego de conocidos los documentos que sus mismos integrantes han creído oportuno dar a conocer, permiten afirmar en efecto, que no se busca sino el caos por el caos mismo, sin nada que deba sucederlo, ni una sola afirmación sobre el orden a venir una vez logrado el objetivo (La Mañana 16-1-69).²⁴

O trecho retirado do jornal uruguaio serve para o movimento legitimar a mudança estratégica no que diz respeito à forma de fazer propaganda. Por um lado, o Tupamaros não era mais um grupo desconhecido, como a divulgação no próprio jornal deixa claro. Por outro, o trecho também serve para o grupo justificar a necessidade de criar diálogos mais diretos com as massas uruguaias, principalmente para explicar claramente qual o projeto da organização e se defender do ataque feito pelo jornal, que buscava claramente criar a imagem de que o Tupamaros agia exclusivamente para criar o caos na sociedade uruguaia. Por isso, era fundamental responder esses ataques. A sequência do documento revela as novas estratégias de propaganda do Tupamaros:

El MLN debe publicar a la brevedad su manifiesto-programa. Ya están creadas las condiciones para ello. Además es imprescindible; de la misma forma el MLN debe contar a la brevedad con un instrumento periódico de contacto con el pueblo. Ambas medidas se encuadran perfectamente y surge de todo lo dicho anteriormente.²⁵

O Tupamaros defende a necessidade de elaborar e divulgar seu programa político, além de criar um periódico próprio para dialogar com o povo. Como se observa no trecho, essas medidas são vistas como de acordo com o problema identificado de conseguir atingir diretamente as massas.

As mudanças a partir de 1968 são tão significativas que o Tupamaros mudou sua estratégia de ação perante as massas, a qual, como foi visto anteriormente, tinha origem em uma concepção de luta de origem anarquista. Como foi visto na documentação, a partir de notícia que circulou no jornal *La Mañana* de Montevideu, que tentou forjar uma imagem negativa do grupo, os Tupas passam a operar uma

nova forma de relação com as massas. A proposta foi lançar o programa da organização e publicar boletins periódicos para manter o contato com o povo. É significativo observar que essa necessidade aparece após a divulgação do grupo através da imprensa, e a tentativa de construção de uma imagem negativa do movimento, pois não foi uma nova estratégia ou uma mudança interna no grupo, mas, fundamentalmente, a nova condição da conjuntura política que levou a essa transformação.

Considerações finais

A análise proposta aqui permite concluir que o MLN-Tupamaros foi um movimento muito peculiar no conjunto dos diversos grupos guerrilheiros que surgiram por toda a América Latina durante as décadas de 1960 e 1970. Está claro que esse grupo não manteve uma estrutura engessada e uma de suas principais características era a profunda análise da sociedade e o entendimento de que para conseguir emplacar a ação revolucionária seria importante atuar dentro dessa conjuntura. É por isso que as mudanças que aconteceram em 1968 são tão significativas, pois, uma vez que o regime do *Pachecado* altera de maneira profunda a sociedade uruguaia, o Tupamaros também se transforma, principalmente no que diz respeito a sua organização interna e à estratégia para criar a chamada *Frente de Massas*.

A análise aqui proposta mostra o quanto é preciso relativizar as questões teóricas que são colocadas nos movimentos guerrilheiros de ação armada, pois parece ter ficado bastante explícito que, apesar dos diversos componentes teóricos que estiveram por trás das ações do Tupamaros, as mudanças conjunturais impuseram aos seus militantes radicalizados uma capacidade de atuação muito restrita. Por isso, é fundamental ter um olhar atento para as práticas e não se perder exclusivamente nas concepções teóricas dessas guerrilhas. Em contextos de ações políticas radicalizadas, o espaço para concepções ideológicas, apesar de extremamente importantes, tornam-se restritos, e a necessidade da sobrevivência acaba atuando de maneira bastante central.

Além disso, conforme foi visto com a discussão sobre cultura política, os diversos elementos que formam esse conceito permitem afirmar que a própria ação revolucionária expressa elementos que compuseram a cultura política tupamara.

Portanto, é possível entender que as mudanças que aconteceram em 1968 foram tão significativas que atuaram de modo a modificar a própria cultura política do movimento. Com isso, a partir de 1969, o Tupamaros já era um grupo distinto daquele que começou a atuar na sociedade uruguaia em meados da década de 1960.

¹A presente comunicação faz parte da pesquisa de mestrado intitulada *Guerrilhas urbanas em perspectiva comparada: MLN-Tupamaros e Ação Libertadora Nacional (1965-1974)*, desenvolvida no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de São Paulo-Unifesp.

² TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya, 1955-1973*. Editorial Fin de Siglo, 2006, p. 124-125.

³ ARENDT, Hannah. *Sobre a revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 45.

⁴ ARAÚJO, Maria Paula. Esquerdas, juventude e radicalidade na América Latina nos anos 1960 e 1970. In: FICO, Carlos. *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

⁵ Por cultura política, tomamos por definição um conjunto de representações que são expressas por imagens, instituições, normas, linguagens e valores que formam a identidade de determinado grupo e a finalidade de um projeto político. Cf. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, p. 13-37, 2009.

⁶ Ibidem, p. 14-15.

⁷ TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya, 1955-1973*. Editorial Fin de Siglo, 2006, p. 153

⁸ MLN-T (1967) Documento Nº 1, Carpeta Conceptuales, Carpeta MLN Uruguay, Carpeta Documentos, Archivo Cámpora, CEIL-CEIU, Facultad de Humanidades y Ciencias de La Comunicación, Universidad de la República, Montevideo, Não Paginado.

⁹ Ibidem, Não Paginado.

¹⁰ ALDRIGHI, Clara. *La izquierda armada: ideología, ética e identidad en el MLN-Tupamaros*. Ediciones Trilce, 2001, p. 42-43.

¹¹ MLN-T (1967) Documento Nº 1, Carpeta Conceptuales, Carpeta MLN Uruguay, Carpeta Documentos, Archivo Cámpora, CEIL-CEIU, Facultad de Humanidades y Ciencias de La Comunicación, Universidad de la República, Montevideo, Não Paginado.

¹² DE GIORGI, Ana Laura. *Las tribus de la izquierda en los 60: bolches, latas y tupas; comunistas, socialistas y tupamaros desde la cultura política*. Fin de Siglo Editorial, 2011, p. 41 e 42.

¹³ TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya, 1955-1973*. Editorial Fin de Siglo, 2006, p. 174-175.

¹⁴ MLN-T (1968) Documento Nº 3, Carpeta Conceptuales, Carpeta MLN Uruguay, Carpeta Documentos, Archivo Cámpora, CEIL-CEIU, Facultad de Humanidades y Ciencias de La Comunicación, Universidad de la República, Montevideo, Não Paginado.

¹⁵ Ibidem, Não Paginado.

¹⁶ TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya, 1955-1973*. Editorial Fin de Siglo, 2006, p. 147.

¹⁷ MLN-T (1968) Documento Nº 3, Carpeta Conceptuales, Carpeta MLN Uruguay, Carpeta Documentos, Archivo Cámpora, CEIL-CEIU, Facultad de Humanidades y Ciencias de La Comunicación, Universidad de la República, Montevideo, Não Paginado.

¹⁸ Ibidem, Não Paginado.

¹⁹ NAHUM, Benjamín. *Manual de historia del Uruguay: 1903-1990*. Montevideo: Ed. de la Banda Oriental, 1995, p. 267.

²⁰ MLN-T (1969) Documento Nº 4, Carpeta Conceptuales, Carpeta MLN Uruguay, Carpeta Documentos, Archivo Cámpora, CEIL-CEIU, Facultad de Humanidades y Ciencias de La Comunicación, Universidad de la República, Montevideo, Não Paginado.

²¹ Ibidem, Não Paginado.

²² Ibidem, Não Paginado.

²³ Ibidem, Não Paginado.

²⁴ Ibidem, Não Paginado.

²⁵ Ibidem, Não Paginado.